



A Arcádia Romana e a Arcádia Ultramarina: diálogos literários entre a Itália e o Brasil na segunda metade do século XVIII

The Roman Arcadia and the Arcadia Ultramarina: Literary Dialogues between Italy and Brazil in the Second Half of the Eighteenth Century

Carlos Versiani dos Anjos

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil

carlos.versiani@gmail.com

Resumo: Este trabalho visa apresentar as relações literárias entre árcades brasileiros da segunda metade do século XVIII e a *Arcádia Romana*, a que alguns destes árcades eram filiados, ou a ela associados por intermédio da chamada *Arcádia Ultramarina*, academia criada no Brasil, na capitania de Minas Gerais, por Cláudio Manuel da Costa. O artigo analisa os primórdios da *Arcádia Romana* e seus teóricos precursores; o movimento dos poetas brasileiros na Europa e no Brasil, para a criação de uma colônia ultramarina daquela Academia; os esforços de Basílio da Gama, Seixas Brandão e Cláudio Manuel neste empreendimento; a participação do poeta Silva Alvarenga, também como crítico literário; e a recepção crítica sobre a existência e significado da *Arcádia Ultramarina*, nas suas relações com a *Arcádia Romana*, entre estudiosos contemporâneos da Itália e do Brasil.

Palavras-chave: Arcádia Romana; Arcádia Ultramarina; Século XVIII; Literatura Arcádica; História da Literatura.

Abstract: This paper aims to present the literary relations between Brazilian arcadians of the second half of the eighteenth century and the *Roman Arcadia*, to which some of these arcadians were affiliated or associated with through the so-called *Arcadia Ultramarina*, an academy created in Brazil, in the captancy of Minas Gerais, by Cláudio Manuel da Costa. The article analyzes the beginning of the *Roman Arcadia* and its precursor

theorists; the movement of Brazilian poets in Europe and Brazil, for the creation of an overseas colony of that Academy; the efforts of Basílio da Gama, Seixas Brandão and Cláudio Manuel in this venture; the participation of the poet Silva Alvarenga, also as literary critic; and the critical reception on the existence and significance of the *Arcadia Ultramarina* in its relations with the *Roman Arcadia* among contemporary scholars from Italy and Brazil.

Keywords: Roman Arcadia; Arcadia Ultramarina; XVIII Century; Arcadian Literature; History of Literature.

1 A fundação da Arcádia Romana e a crítica literária do arcadismo no século XVIII

1690, Roma. No convento anexo à Igreja de São Pedro em Montorio, quatorze letrados de diversas regiões da Itália, todos participantes do círculo literário da Rainha Cristina da Suécia, se reúnem para a fundação da *Arcádia Romana*.¹ A Academia surge como escola e como movimento literário que se difunde por toda a Itália, formulando respostas críticas àquilo que se denominava *cattivo gusto* do Barroco. Sua nomeação remete, simbolicamente, à região da *Arcádia*, na Grécia Antiga, recriada miticamente como local de natureza idílica e fértil, onde em meio à música e à poesia habitavam os pastores e as ninfas, e que desde os *idílios* de Teócrito e as *Bucólicas*, de Virgílio, transformara-se em tópica recorrente na poesia ocidental. A *Arcádia Romana* originalmente teve Gian Vincenzo Gravina e Giovanni Mario Crescimbeni como maiores teóricos, principais responsáveis pelo manifesto no qual os poetas se diriam dispostos a “exterminar o mau gosto e empenhar para que não pudesse ressurgir, perseguindo-o onde se aninhasse ou escondesse, mesmo entre os castelos e vilas mais ignotos e impensados” (CRESCIMBENI, 1712 *apud* SALAMINIO, 1804, p. 52).²

¹ Cristina I da Suécia (1626-1689) abdicou do trono em 1654, convertendo-se ao catolicismo. Viveu as últimas décadas em Roma, tornando-se líder e mecenas da classe musical, literária e teatral de Roma. Em seu *Palazzo Farnese*, ela recebia os poetas árcades em reuniões acadêmicas e grandes encontros culturais.

² Em Holanda, 1991, p. 181, encontramos esta tradução. No original: “esterminare il cattivo gusto; e procurare che più non avesse a risorgere, preseguitandolo continuamente ovunque si annidasse, o nascondesse, e in fino nelle Castella e nelle ville più ignote e impensate.”

Ambos, Gravina e Crescimbeni, buscaram na própria Itália, do século XIV ao século XVI, autores que lhes serviriam de modelo para imprimir uma renovação do gosto na literatura italiana. Autores, obviamente, que de alguma forma teriam incorporado da antiguidade greco-romana elementos da chamada poesia bucólica ou pastoril. Gravina teria um projeto mais amplo, buscando constituir uma visão diacrônica da cultura literária italiana, da antiguidade latina aos poetas renascentistas, para a instituição dos paradigmas pelos quais se guiaria sua *Arcádia Romana*. Já Crescimbeni tinha como alvo específico a reação neoclássica contra a cultura e a literatura barroca, e propunha como maior modelo a ser seguido Petrarca, que aperfeiçoou e difundiu o soneto, forma poética tida como um símbolo da estética e racionalidade buscada pela poesia arcádica. Ambos, somados aos doze outros fundadores da Arcádia Romana foram assim lembrados em Dicionário publicado à época da unificação da Itália, claramente impregnado da linguagem e retórica românticas:

Os fundadores, grandes homens, da benemérita e célebre *Accademia d'Arcadia* tiveram como principal propósito ao tomar para si os nomes usados pelos pastores gregos, e até mesmo o seu calendário, a declaração de guerra à ostentação do século, e assim retornar à poesia italiana por meio do gênero pastoril em sua mais pura e bela forma. Fingindo-se pastores, imaginando-se vivendo no campo, sem qualquer fasto, não tendo entre eles qualquer título de primazia; estudando nos clássicos gregos, latinos, e italianos, vieram naturalmente por si próprios a se despir dessas empoladas metáforas, esses distorcidos conceitos, e esse luxo demasiado de erudição, que formava a delícia não somente dos poetas, mas dos mais aplaudidos festivais de retórica, em que tolamente se repousava o *locus* do sublime e do belo. (MORONI, 1852, p. 7, tradução nossa).

Giovanni Vincenzo Gravina publicou em 1708 sua obra *Della Ragon Poetica*, na qual se põe a discutir os gêneros poéticos, a funcionalidade e a racionalidade da poesia, a partir dos autores gregos, latinos e italianos. Dedicou parte do seu livro a Homero e a Dante Alighieri, mas inclui notadamente no seu trabalho todos os que, desde a Grécia antiga, se dedicaram a formas poéticas que serviriam de modelo para a construção do “gosto” arcádico: Píndaro, Anacreonte, Teócrito, Virgílio,

Horácio, Ovídio, Sannazaro, Tasso, Ariosto, Petrarca... Autores estes que estariam sendo, de forma direta ou indireta, estudados e assimilados pelos novos árcades do alvorecer do século XVIII. Preocupava, sobretudo, a Gravina (1771, p. 202) “a razão por onde se regulam a poética e as obras provenientes dos melhores autores”. Para isto valorizava a instituição racional de regras como a da verossimilhança e da unidade de estilo, que possibilitassem maior clareza, utilidade e eficácia para o discurso poético. Ao justificar o uso do nome “Da Razão Poética” para o seu livro, Gravina explica esta escolha:

Para cada obra precede a regra e para cada regra a razão: assim como um belo edifício é construído de acordo com as regras da arquitetura. Por sua vez, as regras da arquitetura para sua razão têm a Geometria, que através da Arquitetura comunica a própria razão de ser de toda obra bela. A mesma razão que tem a Geometria para a Arquitetura tem a ciência da Poesia para as regras da Poética. (GRAVINA, 1771, p. 6, tradução nossa).

Dois anos antes da publicação de *Della Ragon Poética*, outro grande literato e historiador da literatura, Ludovico Antonio Muratori (1770), também trouxe a público a obra *Della perfetta poesia italiana*, que se põe, assim como Gravina, a elencar as qualidades dos poetas latinos e italianos, que desde a antiguidade e a renascença teriam fundado as bases estéticas do “bom gosto” literário, que agora os árcades setecentistas pretendiam ver restauradas. Nesta obra, Muratori entra em polêmica com escritores e críticos franceses, principalmente com Boileau-Despreaux, que ainda em 1674 havia publicado sua *Arte Poética*. Esta disputa se daria por divergências quanto à origem e expansão do mau gosto seiscentista, que Boileau e outros escritores franceses atribuiriam à poesia italiana. Todos os temas postos em discussão por estes pioneiros retornariam, com vasta repercussão, em autores e críticos do universo arcádico luso-brasileiro, como Luiz Antônio Verney, Cândido Lusitano e Manuel Inácio da Silva Alvarenga.

Este último foi o que mais produziu obras de cunho crítico entre os árcades brasileiros do século XVIII. Tendo como referências mais próximas o francês Boileau-Despreaux e o português Verney, mas se instruindo também, via Basílio da Gama, nos teóricos da *Arcádia Romana*, Silva Alvarenga, desde estudante, seja em metapoemas ou em

textos reflexivos, exerceu o ofício de crítico do arcadismo. Em prosa, o autor daria vazão às suas teorias no *Discurso sobre o poema heroico-cômico* (1774), que introduz *O Desertor*, publicado em 1774; assim como no texto *Reflexões críticas sobre a Ode do Bacharel Domingos Monteiro*, publicado ineditamente por Francisco Topa (1997). A obra *Epístola A Termino Sipílio Árcade Romano por Alcindo Palmireno Árcade Ultramarino* (1772), publicada ainda quando estudante, já trazia a marca da crítica e da filosofia, como bem notara, no início do século XIX, o francês Adrien Balbi (1822, p. 173, tradução nossa): “Uma bela versificação, pensamentos verdadeiramente filosóficos, e uma crítica tão fina quanto delicada são perceptíveis em todas as suas composições”.³ “Une belle versification, des pensées vraiment philosophiques, et une critique aussi fine que delicate se font remarquer dans toutes ses compositions.”

Gravina, além de teórico e crítico da literatura, se notabilizou como preceptor daquele que seria um dos grandes poetas e operistas da *Arcádia Romana*, Pietro Metastasio. O filho e discípulo absorveu o pensamento cartesiano do pai adotivo, assim como o conhecimento do gênero dramático e operístico, herdando os valores e princípios da *Arcádia Romana*, da qual também se tornaria sócio. Reconhecido como um dos maiores libretistas europeus do século XVIII, Pietro Metastasio foi um dos principais modelos de literatura dramática para o arcadismo luso-brasileiro, tendo inúmeras peças de sua autoria traduzidas para o português. Também como teórico, sua crítica se reservou mais ao subgênero operístico, notadamente à sua proximidade ou distanciamento em relação à tragédia grega. Foi um dos muitos italianos que, desde o século XVI, empreenderam a tradução da *Poética* de Aristóteles, depois de ter terminado uma versão em hendecassílabos da *Arte Poética* de Horácio.

Dentre os árcades ultramarinos, Cláudio Manuel da Costa foi o que mais se dedicou à dramaturgia, sendo também o maior tributário da influência de Metastasio. Não sabemos o quanto pôde Cláudio Manuel ler as críticas e teorias escritas pelo árcade italiano, mas com certeza foi um grande leitor de suas obras literárias. No currículo apresentado

³ Une belle versification, des pensées vraiment philosophiques, et une critique aussi fine que delicate se font remarquer dans toutes ses compositions.

à *Academia dos Renascidos*, em 1759, Cláudio Manuel afirma ter traduzido sete dramas do árcade italiano, dos quais apenas dois são até hoje conhecidos (LAMEGO, 1919).⁴ Mas também em suas canções e mesmo em alguns sonetos pode-se detectar a proximidade com a poética de Metastasio, como já apontavam estudos realizados por Sérgio Buarque de Holanda (1991, p. 276).

Quanto a Basílio da Gama, essa proximidade, além de literária, seria acadêmica, uma vez que Gama compartilhava oficialmente com Metastasio o lugar de sócio da renomada *Accademia dell’Arcadia*, a *Arcádia Romana*, com o codinome de Termindo Sipílio. No ano de 1770, o árcade brasileiro, então no Rio de Janeiro, e Metastasio, em Viena, trocaram correspondências. Na missiva de Gama, remetida juntamente com sua obra *O Uruguai*, este atestaria a grande popularidade alcançada pelas peças do poeta cesáreo no Brasil, para o que, provavelmente, teriam contribuído as várias traduções executadas por Cláudio Manuel. Diz, com exagero convencional, que o povo no Brasil recusa “a honra de ir ao teatro se a peça não for de Metastasio”⁵ (METASTASIO, 1832, p. 1029-1030, tradução nossa). Em sua resposta, o italiano elogia o poema de Gama e lamenta, cordialmente, a idade não o permitir mais a mudança de hemisfério, para que pudesse “desfrutar da companhia invejável das espirituosas ninfas americanas”⁶ (METASTASIO, 1832, p. 1030, tradução nossa).

⁴ Cláudio Manuel diz ter traduzido “*Artaxerxes*, a *Dircea*, *O Demétrio*, *O José Reconhecido*, *O Sacrifício de Abraão*, o *Regulo*, o *Parnaso acusado*: alguns destes dramas em ritmo solto, outros em prosa, proporcionados ao teatro português” (LAMEGO, 1919). As traduções de *Artaxerxes* e *Parnaso Obsequioso* já foram publicadas.

⁵ “un popolo che [...] farsi un onore di non andare al teatro ogni volta che il componimento non sarà di Metastasio”.

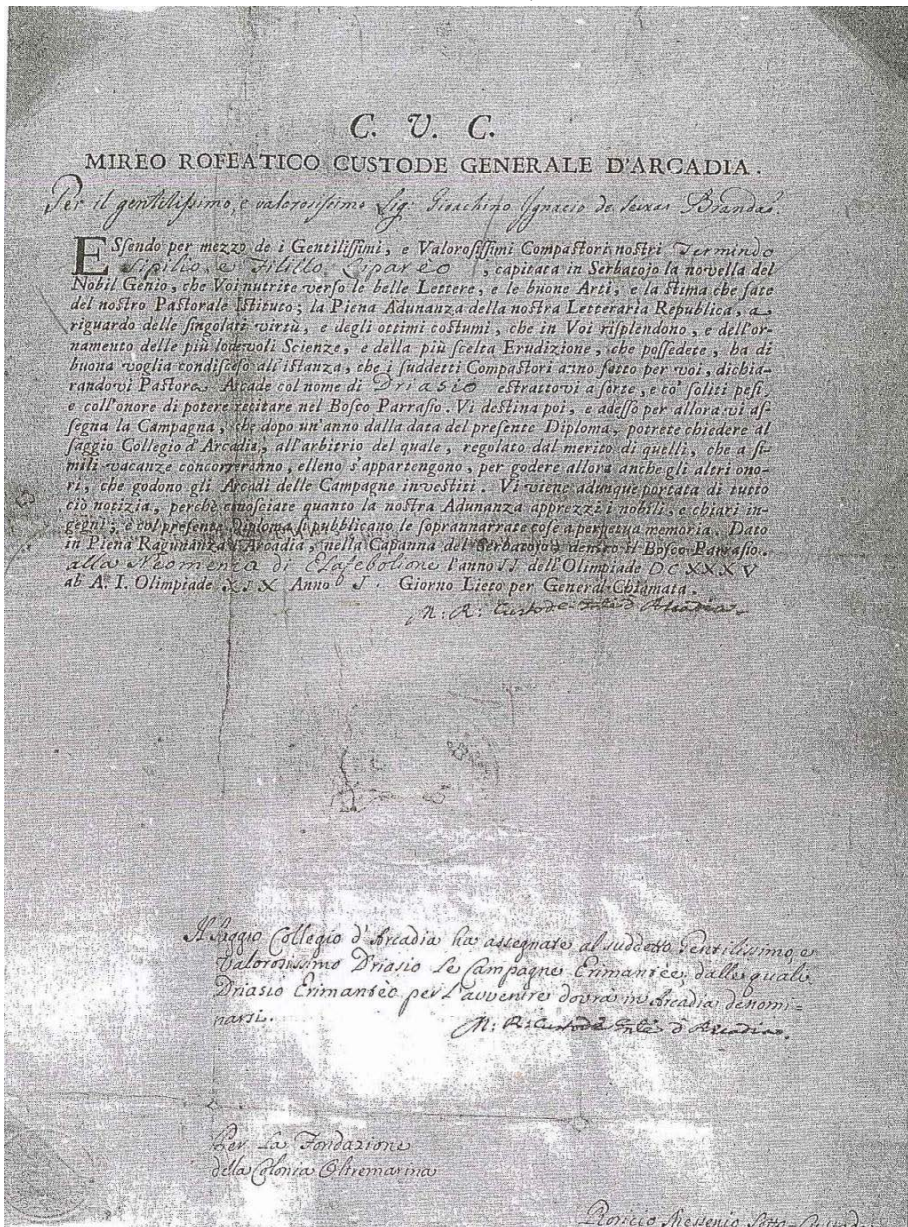
⁶ “per goder presente l’invindibile parzialità delle spiritose ninfe Americane”. Esta correspondência também se encontra parcialmente transcrita em Holanda (1991, pp. 125-126). O segundo retorno de Basílio da Gama ao Brasil, entre 1770 e 1771, apesar de indicado pela correspondência com Metastasio, ainda carece de maiores investigações.

2 A diplomação de Seixas Brandão, “per la fondazione della colonia oltremarina”

O primeiro documento a mencionar a criação de uma colônia ultramarina, filial da *Arcádia Romana*, foi descoberto pelo bibliófilo José Mindlin, e trazido a público por Antônio Candido (1993, p. 130-137). Trata-se do diploma de sócio da *Arcádia Romana*, concedido ao brasileiro Joaquim Inácio de Seixas Brandão, por indicação de dois outros árcades daquela instituição: o Termino Sipílio (José Basílio da Gama) e o Filillo Lipareo.⁷ O diploma traz já impressos os dizeres elogiosos que seriam convencionais a todos os árcades admitidos como sócios, em papel timbrado com o carimbo da instituição, deixando um espaço a ser preenchido manualmente, no qual se colocariam o nome do candidato a sócio, *Il gentilissimo e valorosissimo Sig. Gioachino Ignacio de Seixas Brandão*; o nome dos sócios que o indicaram, *Termino Sipílio e Filillo Lipareo*; o nome pastoral que fora “sorteado”, segundo o rito da Academia, *Driasio*; e a data que se deu o ingresso do novo sócio: *Neomenio di Elafebolione, l’Anno II dell’Olimpiade DCXXXV ab A. I. Olimpiade XIX Anno I* (Cf. Figura 1).

⁷ Filillo Lipareo, ou Enrico Turner, de Roma, tornou-se sócio, assim como Basílio da Gama, durante a custódia geral de Michel Morei (1743-1766) (VICHI, 1977, p. 124).

FIGURA 1 – Diploma de Joaquim Inácio de Seixas Brandão na Arcádia Romana, 1763



As datas dos eventos da Academia eram registradas tendo como referência o Ano II que se seguiu à 617^a Olimpíada, correspondente no calendário gregoriano ao ano de 1690, em que se fundou a *Arcádia Romana*. Usava-se, também para registro do dia e do mês, do calendário da Grécia Antiga, pelo qual a data *Neomenio di Elafébolione*, corresponderia à lua nova no intervalo entre 16 de março e 15 de abril. As equivalências cronológicas, para quem não tem prática com este calendário, não são fáceis de fazer. Talvez por isto Antônio Candido calculara a posse de Brandão como tendo ocorrido em 1764. Em Roma, com o auxílio da Dra. Giovana Rak, responsável pelos arquivos da *Accademia dell'Arcadia*, conseguimos precisar que sua admissão como sócio daquela Arcádia se dera, na verdade, entre 16 de março e 15 de abril de 1763.

Na parte impressa do diploma vem escrito que, depois de um ano daquela data, como de praxe, Seixas Brandão poderia pedir ao “Sábio Colégio da Arcádia”, o direito de usufruir simbolicamente de uma *campagna*, que desde já os diretores assinariam. Seixas Brandão poderia então, proximamente, “gozar também de outras honras” às quais teriam direito os árcades “investidos destas *Campagne*”. Abaixo do que está impresso, vem escrito, manualmente, que “o Sábio Colégio da Arcádia assinou ao sobredito Gentilissimo y Valorosíssimo Driasio le Campagne Erimantée”, razão pela qual o sócio, no futuro, como Driasio Erimanteu deveria “na Arcádia se denominar”. O nome *Erimanteu*, seguindo a tradição neoclássica de se recriar o berço helênico da Arcádia, corresponderia ao vale do Rio Erimanto, cujas nascentes brotariam, na Grécia Antiga, das montanhas que divisavam a Arcádia, a Acaia e a Élide. A assinatura do Custódio Geral, Mireo Rofeático, aparece por duas vezes: abaixo do texto impresso, preenchido com os dados da diplomação, e também abaixo da redação manuscrita que assegurava o direito de Brandão à *Campagne Erimantée*.

Mas a grande preciosidade deste documento estaria um pouco mais abaixo, numa anotação que traz a indicação “per la fondazione della Colonia Oltremarina”. Ela foi escrita com a mesma letra de quem redigiu toda a parte manuscrita do documento, e também assinou na parte inferior do diploma: Rorício Messênio. Desta anotação pode-se deduzir que a posse de Seixas Brandão, ou o próprio evento da sua eleição, tivesse como propósito a criação de uma colônia da *Arcádia Romana* na América Portuguesa; seria uma entre as dezenas de filiais daquela academia, já espalhadas à época por várias regiões do planeta, inclusive na América

central (VICHI, 1977, p. VIII). A observação “per la fondazione della colonia oltremarina” está caligrafada com o mesmo capricho das demais anotações manuscritas, mas vem à parte, o que sugere que a intenção de se fundar a colônia ultramarina não fosse uma condição obrigatória imposta à eleição de Seixas Brandão.

Seja como for, está patente que havia o claro propósito, estabelecido naquele documento de diplomação de Seixas Brandão, com a efetiva participação de Basílio da Gama, de se criar na América Portuguesa uma colônia da *Arcádia Romana*. O evento contou com a participação direta do custódio geral da Arcádia, Michel Morei, e de dois integrantes da cúpula da Academia. De quem partiria a ideia? Com mais probabilidade, dos dois brasileiros presentes naquela *Adunanza*, ou reunião, mas apoiados pelo suporte de peso do presidente e de dois sub-custódios da Arcádia italiana: Filillo Lipareo era o codinome de Enrico Turner, de Roma, que fora “uno dei XII colleghi d’Arcadia”, espécie de conselho de árcades que auxiliava na administração do Custódio Geral; e Rorício Messênio era o codinome do *sotto-custode* Abade Lorenzo Sparziani (VICHI, 1977, p. 221).⁸ Gama, Turner, Sparziani e Morei comungariam de alguns gostos em comum: os quatro participariam do livro *Sonetti ed orazione in lode delle nobile arti di disegno, pittura, scoltura, ed architettura*, publicado em fins de 1764, por iniciativa do custódio geral da Arcádia. Basílio da Gama escolheu para homenagear com seu soneto a *Fontana di quattro Fiumi*, na *Piazza Navona*. Talvez porque assim pudesse prestar também um tributo ao seu *Argentaro*, o Rio da Prata (KOMAREK, 1764, p. 65).⁹

Voltando ao propósito de criação da colônia da *Arcádia Romana* no Brasil, talvez isto pressupusesse o intuito dos dois jovens poetas brasileiros de, num futuro próximo, voltar à sua terra natal. Para o “Abate Basílio da Gama” (como é descrito em alguns documentos da Biblioteca da Arcádia), seria temerário se fixar depois em Portugal, onde a perseguição àqueles que mantivessem alguma ligação com os

⁸ Encontramos a função de *Sotto-Custode* de Sparziani num outro registro feito apenas dois meses depois da diplomação de Seixas Brandão, em que ele assina como tal, juntamente com o Custódio Mireo Rofeatico (BARAGETTI, 2009-2010, p. 112).

⁹ O nome do poeta aparece, encimando o soneto, como “Giuseppe Basilio Gama Brasileiro”. O poema faz alusão aos quatro rios que são representados na fonte, submetidos ao Tibre: Danúbio, Ganges, Nilo e o Rio da Prata.

jesuítas permanecia intensa. A escolha pelo Brasil três anos depois se comprovaria, embora com um desenlace trágico imprevisto, como se verá adiante. Já para Seixas Brandão, a opção de se formar médico na França tornaria um possível futuro no Brasil ainda mais distante.

Estudante na Faculdade de Montpellier, onde se matriculara em 1765, e provavelmente considerando apagado do seu horizonte um retorno breve ao Brasil, Seixas Brandão se manifestou sobre o tema da criação da *Arcádia Ultramarina* num poema em que saúda o amigo Basílio da Gama, intitulado *Ode a um Arcade de Roma, que ia estabelecer uma nova Arcádia no Brasil*. Nesta ode, Seixas Brandão atribui a Basílio da Gama, o Termino Sipílio, a missão a ele conferida no citado diploma, de se fundar na América Portuguesa uma Academia filiada à Arcádia de Roma: “Vais ver da América a silvestre face/e a frente coroada/de feras encarnadas e amarelas,/e por-lhe, em lugar delas,/o verde loiro, que na Arcádia nasce” (LAPA, 1969, p. 6) Seixas Brandão insinua no poema que a intenção de um acalentado retorno de Gama ao Brasil não se deveria à busca da riqueza presente nos rios de Minas, descritos como “mais ricos e abundantes/do que o Indo, o Pactolo, o Tejo, e o Reno”: “Não te move a buscar a pátria terra,/no fresco e leve pinho,/a faminta ambição do metal loiro” (LAPA, 1969, p. 6) E a associação daquela missão com os da *Arcádia Romana* fica sugerida nos versos finais:

Depois de haver corrido os mares
Cheio de fama e de glória,
Outra vez tornarás, contente e pago
A ver do Tibre vago
As correntes, as águas singulares.
Entrarás em o templo da Memória;
E ao Deus, que é dos pastores venerados,
Entre aplausos alegres, entre vivas,
Do Arcádico senado,
Cingindo-te dos louros merecidos,
Nas paredes votivas
Suspenderás os úmidos vestidos. (LAPA, 1969, p. 6).

Rodrigues Lapa, no artigo que traz o poema de Seixas Brandão, levantou a hipótese de Basílio da Gama não ter podido cumprir a missão a ele incumbida pelo fato de o seu nome constar de uma lista de egressos da Companhia de Jesus, que seriam obrigados a retornar para Portugal

a partir de 18 de agosto de 1768.¹⁰ De fato, Basílio da Gama, quando da extinção da Companhia de Jesus em todos os domínios de Portugal, em 1759, já vestia no Colégio Jesuítico do Rio de Janeiro o hábito de noviço. Por isto mesmo, ao partir para a Europa, em 1760, preferira ter como destino a Itália, onde a ordem jesuítica se conservava poderosa, evitando o reino português. Em 1768, sabendo que seu nome figurava da temida lista de acusados de jesuitismo, teria antecipado sua viagem, o que explicaria seu embarque a 30 de junho de 1768 (HOLANDA, 1991, p. 121-122). Ao que se apreende dos documentos, o retorno de Basílio da Gama para a Europa teria sido a contragosto do poeta, por não ter ainda concluído aquela missão, que constava da ode do amigo e consócio Seixas Brandão e do diploma a ele concedido em 1763. Um poema de Gama confirmaria essa suposição: trata-se do soneto iniciado por “Bárbara, iníqua terra...”, que reflete um ressentimento profundo do poeta com a terra pátria, por lhe pagar com a denúncia, ou o degredo, a sua iniciativa de tentar conferir a ela os louros da Arcádia:

Barbara, iníqua terra, ingrata, e injusta
São estes os fantásticos agoiros
De quando adornei a frente adusta
De verdes, incertos, de sagrados loiros?

Já me aparto de ti, já me não custa
Deixar-te, e os teus fantásticos tesoiros,
Vou ver da minha Arcádia a frente augusta
Os olhos belos e os cabelos loiros,

Com toda a ação dos braços me convida
A grande Roma, e a pátria me desterra,
E rende por favor deixar-me a vida:

Pagaste meu amor com dura guerra,
És indigna de mim, desconhecida,
Bárbara, ingrata, injusta, iníqua terra. (GAMA, [19--], p. 236).

Não é preciso muito esforço para notar que o soneto faz claramente alusões ao tema da ode de Seixas Brandão, o que corrobora ainda mais a tese de que Gama também se refere no mesmo à incumbência dada

¹⁰ AHU (Arquivo Histórico Ultramarino) – Apensos do Rio de Janeiro, março de 1768 (LAPA, 1969).

pela *Arcádia Romana*, que se veria frustrada pelo retorno forçadamente antecipado para a Europa. Os dois últimos versos da primeira estrofe ecoam trecho da ode do amigo, quando o instruíra para, em lugar da “frente coroadade/feras encarnadas e amarelas” dos nativos, por “o verde loiro, que na Arcádia nasce”. Da mesma forma, a segunda e terceira estrofes indicam qual seria o seu destino, uma vez de volta à Europa, repetindo o que se inscreve nos versos finais da ode de Brandão: “as águas singulares” do “Tibre vago”; os “aplausos alegres, entre vivas, / do arcádico Senado.”

3 Glauceste Satúrnio, Árcade Romano Ultramarino

A folha de rosto dos manuscritos das *Obras* de Cláudio Manuel da Costa, publicadas no ano de 1768 em Coimbra, trazia inscrita sua condição de “Árcade Ultramarino, chamado Glauceste Satúrnio”. Também em duas canções em italiano, e em dois romances, na mesma publicação, aparecia a titulação “Pastor Arcade Romano Ultramarino”, conferida não apenas a Glauceste Satúrnio, mas também aos ainda não identificados Ninfejo Calistide e Eureste Fenício. Desde o final de março de 1768, portanto – uma vez que a viagem de navio entre o Rio de Janeiro e Lisboa demorava por volta de dois meses –, se encontrava nos originais endereçados à Europa a referência da titulação de Cláudio Manuel e de mais dois prováveis poetas brasileiros, como árcades romanos. Isto se não foi, como aventamos em outro artigo, o próprio Cláudio Manuel que entregara seus manuscritos em Portugal, para onde poderia ter embarcado ainda antes, no ano de 1767.¹¹

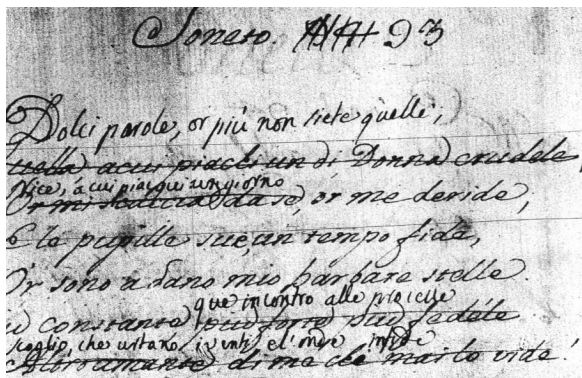
¹¹ Em outro artigo (VERSIANI, 2014), aventamos uma hipótese, ainda não comprovada, de que Cláudio Manuel da Costa, que editara suas *Obras* em Coimbra em 1768, teria ele mesmo estado em Portugal, no dia 10 de junho daquele ano, para a entrega dos seus manuscritos à Real Mesa Censória. No Livro de Registro de entrada e saída de obras (1768-1772), livro 2, MF 6917, p. 66, acessado no ANTT, consta a informação de que “entregou Cláudio Manuel da Costa um livro de poesias manuscrito”. Por outro lado, em extensa pesquisa, não encontramos registro da presença de Cláudio Manuel em Minas entre 3 de abril de 1767 a 4 de setembro de 1768. Dois outros motivos poderiam ter contribuído para uma possível viagem de Cláudio Manuel à Europa, além da entrega dos originais do seu livro: acompanhar de perto o processo para a concessão do Hábito de Cristo, que lhe fora concedido em 18 de junho de 1768, e a obtenção oficial do título de Árcade Romano Ultramarino, de que não temos comprovação.

Aqui não poderíamos deixar de sugerir duas hipóteses. Se Cláudio Manuel permaneceu no Brasil e mandou por navio os seus originais, seu título de árcade romano ultramarino, oficial ou oficioso teria sido concedido por intermédio de José Basílio da Gama, antes de abril de 1768, transferindo este a Cláudio Manuel a incumbência de fundação da *Arcádia Ultramarina*, em vista do retorno apressado para a Europa. Se Cláudio Manuel viajara para Portugal carregando os seus manuscritos, entre 1767 e 1768, isto não eliminaria a hipótese de obtenção do título pelas mãos de Basílio da Gama; mas permitiria a formulação de outra: a de que teria concluído a redação das suas *Obras* na Europa, onde pessoalmente conquistaria tal titulação, que fora então incluída em alguns poemas e na folha de rosto do seu livro. A titulação poderia ter ocorrido numa pouco provável viagem a Roma ou por intermédio de outro árcade romano, como o próprio Seixas Brandão, que em 1767 se formara em Montpellier e no ano seguinte já circulava por Lisboa.¹²

A posição assumida de afiliado à Arcádia Romana, ou da sua colônia no ultramar, deve ter pesado para que Cláudio Manuel acrescentasse, de última hora, pelo menos seis sonetos em italiano. O exame minucioso que realizamos dos manuscritos, como no poema abaixo (Figura 2), não deixa dúvidas a respeito de serem estes incorporados mais tarde, em substituição a outros, cortados pelo autor ou pela Real Mesa Censória (VERSIANI, 2014).

¹² Há algumas referências esparsas sobre sua presença em Lisboa, como a de que andara traduzindo duas peças de Voltaire para o português (Zaire e Alzire), que seriam muito bem recebidas, provavelmente ainda no final da década de 1760, pela fama das atrizes que as representaram no Teatro da Rua dos Condes (BALBI, 1822, v. 2, p. 209).

FIGURA 2 – Poema em Italiano de Cláudio Manuel, no manuscrito original de Obras, 1768



Fonte: ANTT, Real Mesa Censória, cx. 316, doc. 2113.

Os manuscritos das *Obras* de Cláudio Manuel nos oferecem ainda mais um elemento importante a ser acrescido na discussão sobre o nebuloso enlevo histórico que envolve a criação da Arcádia Ultramarina. Trata-se do subtítulo que se segue ao codinome pastoril dos poetas que dialogam nas duas cançonetas em italiano e em dois romances que integram o livro. Nos romances *Fileno a Nise* e *Nise a Fileno* (Figura 4), assim como nas cançonetas *Il Pastore a Nice* (Figura 5) e *Nice a il Pastore*, sob os nomes Glauceste Saturnio, Ninfejo Calistide e Eureste Fenício aparece escrita a titulação: *árcade romano*; e com outra letra e outra tinta, acrescentado posteriormente: *ultramarino*. O que teria motivado o acréscimo, ou a ausência do termo “ultramarino” na primeira versão?

Interessa-nos, antes, saber se o termo foi acrescentado por livre iniciativa de Cláudio Manuel e/ou um representante dele em Lisboa, ou se por indicação ou iniciativa da Mesa Censória. Se o foi por Cláudio Manuel, a intenção seria mesmo delimitar aquele projeto, já em andamento desde a viagem de Gama, da criação no Brasil da colônia ultramarina da Arcádia Romana. Se por iniciativa da Mesa Censória, seria uma advertência à utilização não comprovada de um título que tais poetas não possuíam: o de árcades romanos; com a comprovação daquele que eles realmente deteriam: o de árcades romanos ultramarinos. Da mesma forma intrigante é a citação poética dos ainda não identificados Ninfejo Calistide e Eureste Fenício, que meses depois seriam novamente

nomeados como árcades ultramarinos na sessão acadêmica de 4 de setembro de 1768, presidida em Vila Rica por Cláudio Manuel.¹³

FIGURA 3 – Título de cançoneta em italiano, de Glauceste Saturnio, no manuscrito de Obras, 1768



Fonte: ANTT, Real Mesa Censória, cx. 316, doc. 2.113.

FIGURA 4 – Título de cançoneta em italiano, resposta de Eureste Fenício, no manuscrito de Obras, 1768



Fonte: ANTT, Real Mesa Censória, cx. 316, doc. 2.113.

¹³ Árcades brasileiros oficialmente filiados à *Arcádia Romana* foram José Basílio da Gama, o Termindo Sipílio; Joaquim Inácio de Seixas Brandão, o Driasio Erimanteu; Domingos Caldas Barbosa, o Lerenio Selinuntino. Árcades que se intitulavam Árcades Romanos e/ou Ultramarinos foram Cláudio Manuel, o Glauceste Satúrnio, e Silva Alvarenga, o Alcindo Palmireno. Alvarenga Peixoto, segundo alguns autores, como Rodrigues Lapa, seria o Eureste Fenício, citado no documento de criação da Arcádia Ultramarina. Outros citados, como Ninfejo Calistide e Orisênio, ainda nos são totalmente desconhecidos.

4 As sessões acadêmicas de fundação da *Arcádia Ultramarina*, em 1768

O Conde de Valadares chega a Vila Rica em 13 de julho de 1768, e apenas três dias depois aconteceria a cerimônia de sua posse como governador da capitania de Minas Gerais na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar. Cláudio Manuel da Costa não esteve presente à cerimônia, pelo menos não assinou o “Livro que há de servir para se lançarem nele os termos das posses dos governadores e capitães gerais desta Minas”.¹⁴ Estaria adoentado? Não poderia ter assinado por não ocupar à época nenhum cargo na administração das Minas? Ora, sua assinatura consta tanto da ata de posse do antecessor de Valadares, Luiz Diogo Lobo da Silva, quanto do seu sucessor, Antônio Furtado de Mendonça. No primeiro caso, como Secretário de Governo, escreveria também o termo de posse. No segundo caso, ao que se sabe, não ocupava à ocasião (22 de maio de 1773) nenhum cargo administrativo. Mas sua assinatura aparece logo abaixo à do Conde de Valadares, que então entregava o governo das Minas. A ausência na posse do Conde Valadares talvez seja mais um indicativo de que o poeta não se encontrasse em Minas, mas em Portugal, ou já no navio de retorno à terra pátria. Sua felicitação à posse do Conde só se daria depois, a 4 de setembro de 1768. Nesta ocasião, logo no primeiro parágrafo do discurso de saudação ao novo governador, o poeta se desculparia pelo atraso, embora atribuindo-o ao “natural encolhimento” das suas Musas:

São as Musas as últimas que chegam à presença de V. Exa. Tarde chegam, mas não sem desculpa. O natural encolhimento que as acompanha lhes deteve os passos até agora. Deverão contudo preceder elas a qualquer outro obséquio; e talvez para os direitos desta glória lhes não falta o conhecimento de que sempre na aceitação dos Grandes tiveram as Musas o lugar primeiro. (COSTA, 1996, p. 323).

Foi uma reunião acadêmica de grande pompa e estilo, e demorada. Se restringirmos apenas àquilo que foi documentado em manuscrito, a cerimônia compreendeu: dois discursos laudatórios, um de felicitação ao Conde e outro de encerramento daquela Academia; a apresentação, em

¹⁴ O livro com estes lançamentos se encontra na *Revista do Arquivo Público Mineiro* (v. XXV, parte 1. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, jul. 1937, p. 175-262).

formato musicado, da écloga “Saudade de Portugal e alegria de Minas”; e a recitação de vários poemas, incluindo uma ode, nove sonetos e a poesia intitulada *Licença*. Por cento e sessenta e três longos anos o documento manuscrito que registrou o evento esteve esquecido, até que um livreiro de Paris, que o tinha em suas gavetas, deparando-se com o interesse de um pesquisador brasileiro pelos assuntos do século XVIII, lhe apresentou essa relíquia. Caio de Mello Franco então, entusiasticamente agradecido, a publicou, para felicidade geral dos historiadores e críticos da literatura brasileira (FRANCO, 1931).

Na verdade, os manuscritos passados a Mello Franco compreendiam duas solenidades distintas: a de homenagem à posse do Conde de Valadares, em 4 de setembro de 1768; e a comemorativa do aniversário daquele governador, a 5 de dezembro do mesmo ano. Desta última consta a apresentação teatral do *Parnaso Obsequioso*, drama recebido por Mello Franco do mesmo livreiro e publicado juntamente com os demais discursos e obras poéticas acima referidas. Esta publicação conjunta tem propiciado alguma confusão de entendimento sobre em que data estaria efetivamente sendo criada, ou sendo declarado o nascimento da *Arcádia Ultramarina*, como afiliada à *Arcádia Romana*, na capital das Minas Gerais. Na leitura que fazemos dos documentos e poemas, entendemos que a cerimônia de setembro foi apenas um prenúncio, e o nascimento da *Arcádia* teria se dado efetivamente a 5 de dezembro de 1768. Mas analisemos mais detidamente os fragmentos que nos chegaram das duas sessões acadêmicas, para melhor situar essa discussão.

Voltemos à sessão acadêmica de 4 de setembro de 1768, que se apresenta como um terreno mais palpável à averiguação histórica e crítica. Pelos discursos e poemas declamados na “*Academia que se juntou na Sala do Ilmo. e Exmo. Sr. D. José Luiz de Menezes, o Conde de Valadares, por ocasião de felicitar a posse que havia tomado do Governo da Capitania das Minas Gerais*”, nota-se que não havia intenção, pelo menos por parte de Cláudio Manuel, de que aquela *Arcádia Ultramarina* tivesse duração efêmera ou circunstancial. Ao contrário, o poeta vislumbra novos tempos em Minas a partir dessa agremiação. No discurso final, prometendo honrar a filiação à *Arcádia Romana*, Cláudio Manuel da Costa (1996, p. 340) afirma que ela não se envergonhará “de haver repartido para tão remotos climas o esplendor luminoso da sua República”. E ao convocar os sócios da Academia, declara que a *Arcádia* estaria apenas iniciando a sua jornada: “Sim, Acadêmicos meus; sim, adorados e inestimáveis

Sócios, [...] parece que vai fugindo de todo a rudeza destes montes; e que a benefício de uma alta proteção entram as Musas a tomar posse destes Campos” (COSTA, 1996, p. 340).

É um Cláudio otimista, alegre, vigoroso, que se vê; distante do ser melancólico que sofria poeticamente a contradição entre viver a rusticidade da terra e a cultura letrada europeia. Agora, os poemas não precisariam mais cruzar o atlântico para galgarem os patamares mais altos da cultura, numa utópica república das letras. Citando o local onde se reuniam em Roma os precursores do Arcadismo, Cláudio Manuel diz que o Conde poderia repetir em Minas “o espírito generoso da Rainha de Suécia”, que compadecida de ver as Musas a “vagar desconhecidas”, as recolhera e lhes dera “abrigo no seu magnífico Palácio”, principiando então “a dar passos a renovada Arcádia”. (COSTA, 1996, p. 340). O poeta não se veria sozinho nesta empreitada. Contaria com o apoio logístico dos brasileiros pioneiros como sócios da Arcádia Romana; daqueles que, mesmo cursando ainda os bancos da Universidade de Coimbra se integrariam ao projeto de Minas; além do círculo literário, hoje esquecido, dos que já circulariam como pastores árcades, naquele período, pelos centros letrados ultramarinos.

Na folha de rosto do manuscrito que descreve a sessão acadêmica de 4 de setembro, após o nome de Cláudio Manuel da Costa, está escrito: “Bacharel formado pela Universidade de Coimbra”. Não aparece ainda aqui a titulação de Árcade Romano e/ou Ultramarino. Supomos que fosse porque ainda não se tratasse, de fato, da pretendida sessão de fundação daquela Arcádia.¹⁵ No discurso “Para Terminar a Academia”, única parte do manuscrito em que efetivamente aparece a menção à “nascente Colônia Ultramarina”, um trecho não nos passou despercebido: depois de suplicar ao Conde que assumisse, como pastor Daliso, o “Título de Protetor da Nascente Colônia Ultramarina”, Cláudio Manuel toma a iniciativa de auspicar para o “dia felicíssimo” do natalício do Conde “a época da nossa nascente Arcádia”. (COSTA, 1996, p. 341) Ou seja, parece marcar, textualmente, para o dia 5 de dezembro de 1768, a cerimônia

¹⁵ Acrescenta-se o fato de o autor ainda não ter recebido, à época, de Portugal, sinal verde da aprovação do seu livro pela Mesa Censória, para a impressão final. Parecer de 8 de julho de 1768 condicionava esta aprovação à realização de mudanças no texto, que seriam verificadas em nova conferência (VERSIANI, 2014, p. 265-266).

oficial do nascimento da Arcádia Ultramarina, quando então se juntariam “desde a maior distância os Pastores alistados...” (COSTA, 1996, p. 341).

No dia prometido, na folha de apresentação do poema *Parnaso Obsequioso*, drama composto em homenagem ao Conde, e representado no seu aniversário, Cláudio Manuel já se colocaria, com toda a pompa, como “Criado pela Arcádia Romana Vice Custode da Colônia Ultramarina, com o nome de Glauceste Saturnio” (COSTA, 1996, p. 321). Em tempo, devemos eliminar um equívoco quanto ao termo “vice custode”. Ao contrário do que muitos escreveram, repetindo apontamento de Caio de Mello Franco, Cláudio Manuel não nomeia o Conde de Valadares como Custódio (presidente) da Arcádia, assumindo então a vice-custódia (vice-presidência). Em nenhum momento dos documentos e poemas aqui trabalhados se encontra isto. Como foi dito mais acima, Cláudio Manuel solicita ao Conde que aceite o título de “Protetor”, de Mecenas da *Arcádia*, não de sócio presidente. Quem seria então o presidente? Naquele momento, Giuseppe Broggi, custódio geral da *Arcádia Romana*, que sucedera em 1766 a Michel Morei. Para todas as colônias da *Accademia dell’Arcadia* não estava previsto o cargo de custódio. Ali, à autoridade máxima se denominava vice-custódio.¹⁶

Também se incluiria no rol de homenagens poéticas ao Conde de Valadares, mas se referindo especificamente à criação da filial da *Arcádia Romana* em Minas, um poema que não integra os manuscritos entregues a Caio de Mello Franco. Trata-se da *Saudação à Arcádia Ultramarina*, que conhecera uma primeira publicação na *Coleção de Poesias Inéditas dos Melhores Autores Portugueses*, de 1810. No poema, Cláudio Manuel nomeia os pastores árcades que se integrariam à “nascente arcádia”, vendo inscritos nos troncos das árvores de Minas, os codinomes pastoris de Ninfeu, Eureste e Briareu,¹⁷ além do seu próprio e o de Basílio da Gama. Na verdade, Termino Sipílio, citado três vezes, é o grande homenageado do poema; o que seria mais um elemento a referendar a participação pessoal de Gama na criação da *Arcádia Ultramarina*, como filial em Minas da sua Academia Romana:

¹⁶ Além da denominação de Custode Generale e de Vice-Custode (restrito às Colônias), encontra-se, nos documentos da Arcádia, o registro das funções de Sotto-Custode e Pro-Custode, desempenhadas por alguns dos diretores do *XII Coleghi*, que assistiam ao custódio geral.

¹⁷ A anotação Briareu, segundo Antônio Candido, adviria de um erro ortográfico. Cláudio estaria se referindo ao Driásio, codinome pastoril de Seixas Brandão.

Enfim eu vos saúdo,
Ó campos deleitosos,
Vós, que à nascente Arcádia em grato estudo
Brotando estais os loiros mais frondosos;
Eu vos vou descobrindo,
Belas estâncias do pastor *Termino*.

.....

Que pastores tão novos
São estes, que vos pisam?
Como entre tristes e grosseiros povos
De nova gala os campos se matizam?
Quem forma estas cadências?
Quem produz tão mimosas influências?

Se os olhos me não mentem,
Os venturosos nomes
Gravados nestes troncos já se sentem;
Tu, Tempo, gastador os não consomes:
Briareu, aqui diz este;
Ninfeu, diz outro; aqui diz outro, *Eureste*.

Na mais copada faia
Abriu o férreo gume
O nome de *Termino*; o Sol, que raia,
Aqui bate primeiro o claro lume;
Ele o vê, ele inveja,
Eterno o nome, eterno o tronco seja.

Ah! se da glória vossa,
Pastores, cá me vira
Tão digno, que na bela Arcádia nossa
Igualmente meu nome se insculpira!
Entre a série preclara,
De *Glauceste* a memória se guardara.

Mas onde irá sem pejo
Colocar-se atrevido
Quem longe habita do sereno Tejo,
Quem vive do Mondego dividido,
E as auras não serenas
Do pátrio Ribeirão respira apenas?

Sim, vosso caro abrigo,
 Pastores, pode tanto,
 Que despertando do silêncio antigo,
 Erguer bem posso sem vergonha o canto:
Convosco está Glauceste,
Convosco faz soar a fruta agreste.

.....

Em vós, ó campos, cresça
 A vegetante pompa,
 Cresça o verde esplendor; em vós floresça
 A murta, o loiro, e na doirada trompa
 Do monstro sempre errante,
 O nome de *Termino* se levante. (COSTA, 1996, p 343-344).

Há duas hipóteses possíveis sobre quando foi apresentado em Minas este poema. A primeira é de que ele teria sido recitado naquela que seria oficialmente a data de nascimento da *Arcádia*, o dia do aniversário do Conde de Valadares, 5 de dezembro de 1768. Esta hipótese perde peso por não se encontrar no poema absolutamente nenhuma menção ao Conde de Valadares, quando se sabe que todas as peças constantes das duas citadas sessões acadêmicas de 1768 tiveram no governador de Minas, intitulado Pastor Daliso, o seu principal motivo. Outra hipótese é que ele tenha sido feito e apresentado em uma reunião posterior, não distante das cerimônias que envolveram o nascimento da *Arcádia*. É como se pode entender, que de semente, já passara a Academia a brotar “os loiros mais formosos”, como expressa o poeta na primeira estrofe. Na falta de outros documentos, o poema pode se configurar no primeiro indício de que a vida acadêmica da *Arcádia Ultramarina* não se restringiria aos conhecidos eventos do ano de 1768.

Como e o quanto sobreviveu a *Arcádia Ultramarina*, ou o seu ideal, é motivo de muitas outras controvérsias. Guardemos, porém, o fato incontestável de que Cláudio Manuel da Costa, cinco anos depois, no seu segundo grande livro destinado à publicação, o épico *Vila Rica*, manteria ainda a assinatura de “Árcade Ultramarino, com o nome de Glauceste Satúrnio” (COSTA, 1996, p. 356). E se não há muito que falar sobre os ainda não identificados Orisênio, Ninfejo Calistide e Eureste Fenício, outro poeta natural das Minas, já citado neste artigo, certamente levaria maior longevidade ao uso do título e do “ideal” ultramarino: Manuel

Inácio da Silva Alvarenga, trazido à mesma academia de Cláudio Manuel pelas mãos de Basílio da Gama, que em pelo menos seis publicações, de 1772 a 1780, após ao codinome pastoril Alcindo Palmireno sua condição de Arcade Ultramarino.

5 A crítica literária brasileira e a Arcádia Ultramarina

Em meados do século XX, José Aderaldo Castelo discutirá a questão de se enquadrar a *Arcádia Ultramarina* em um dos modelos por ele tipificados de academia literária no Brasil do século XVIII: aquelas ligadas aos festejos públicos oficiais, convocadas em ocasião de algum grande evento cívico ou religioso; as academias reunidas para a realização de um ato acadêmico em data específica, homenageando algum governante ou autoridade ilustre; as academias reunidas enquanto institutos permanentes, com estatutos e sede próprios, que tinham, simultaneamente, o caráter histórico, literário, e às vezes científico, como foi o caso da Academia Brasílica dos Esquecidos (1724) e da Academia Brasílica dos Renascidos (1759), instaladas ambas em São Salvador da Bahia. Castello (1969) classificaria a *Arcádia Ultramarina* como Academia do segundo modelo citado, dado o caráter circunstancial das homenagens prestadas ao Conde de Valadares.

Mais recentemente opinou também a respeito a pesquisadora e crítica literária Melânia Aguiar, que tem entre suas maiores especialidades a poesia de Cláudio Manuel da Costa; um renome justificado pelo criterioso trabalho de introdução e notas à obra do poeta, no livro *A Poesia dos Inconfidentes*, de 1996. Em nota ao discurso *Para Terminar a Academia*, proferido pelo poeta na sessão comemorativa da posse do Conde de Valadares, Melânia Aguiar afirma que “a existência de uma Academia em Minas em 1768 está clara neste pronunciamento; sua conformação arcádica é visível nas linhas que se seguem”; que teria permanecido obscuro apenas a existência de uma Arcádia “com associação formalizada, ligada a Roma, com sessões regulares, envolvendo um número razoável de membros...” (PROENÇA FILHO, 1996, p. 1077). Mas a pesquisadora ressalta, na mesma nota, que novas luzes advieram sobre o tema, a partir da descoberta do diploma que fora conferido a Seixas Brandão.

Não podemos, em face das informações de que hoje dispomos, afirmar que a *Arcádia* de Cláudio Manuel tenha se constituído, ainda que

por pouco tempo, de forma institucionalizada e burocrática, à semelhança, por exemplo, das academias dos *Esquecidos* e dos *Renascidos*, na Bahia. Mas consideramos que, paradoxalmente, ela sobreviveria por mais tempo do que qualquer outra academia literária anterior estabelecida no Brasil setecentista. Isto porque sua longevidade não se ancorou a um edifício, a um estatuto, ou a um calendário fixo de reuniões; mas à articulação permanente dos árcades que a ela e aos seus princípios se ligariam, no Brasil ou na Europa. A *Arcádia Ultramarina*, se tomarmos apenas as obras de Cláudio Manuel e de Silva Alvarenga que declaradamente trazem sua filiação, sobreviveria por longos doze anos. Mas se a vemos como um movimento literário mais abrangente, incorporando grupos de letrados que conviveram entre Minas e o Rio de Janeiro por toda a década de 1780, a contagem do tempo de sua duração seria ainda bem maior, estendendo-se até o episódio conhecido como *Inconfidência Mineira*.

Sérgio Alcides, em estudo intitulado “Seixas Brandão e o malogro da Arcádia Ultramarina”, defende a posição de que a falta de documentação que comprove materialmente suas práticas institucionais invalidaria a hipótese da existência desta academia. Alcides ainda acrescenta, para sustentar a posição de descrédito sobre a existência da *Arcádia Ultramarina*, as proibições e restrições da Coroa, através da Real Mesa Censória, quanto à publicação e circulação dos livros na colônia, o que invalidaria a sobrevivência de uma academia aos moldes da *Arcádia Romana* com o mínimo de autonomia e com número razoável de registros impressos e publicações literárias (ALCIDES, 2004, p. 81-103). Concordamos em tese com essa argumentação, embora não seja fora de sentido pensar que são exatamente as restrições impostas à colônia que poderiam configurar especificidade a esta Arcádia, muito mais caracterizada como um movimento literário que como academia institucionalizada e burocrática, ainda que este pudesse ser o desejo dos “fundadores”. O próprio Alcides (2004, p. 100) reconhece que o que chama de “malogro” da Arcádia Ultramarina não impediu que se fortalecesse, em “espaços não institucionais e mais caracteristicamente privados”, os círculos letrados na colônia.

Sérgio Buarque de Holanda, mesmo se frustrando nos arquivos de Roma por não encontrar documentação que atestasse a fundação da Arcádia em Vila Rica e o título de Cláudio Manuel como vice-custódio da *Arcádia Romana*, admite que os ‘ultramarinos’ se reunissem aos moldes dos primeiros “pastores romanos”, que se encontravam nos

círculos palacianos da Rainha Cristina, e depois de sua morte, em espaços privativos. Devemos ter em mente, quanto a isto, que de 1690 a 1725, quando recebeu de D. João V o terreno para a construção do seu *Bosco Parrasio*, a *Arcádia Romana* também não possuía sede própria. Quanto aos árcades mineiros, suas reuniões se intensificariam durante o governo de D. Rodrigo de Menezes (1779-1783). Neste período, segundo Holanda, a *Arcádia Ultramarina*, ainda que não mantivesse este nome, “achava-se mais viva, de fato, do que ao tempo do Conde de Valadares” (HOLANDA, 1991, p. 246).

Haveria em Minas, por certo, uma rede de poetas que faziam reuniões literárias frequentes, fossem nas suas residências particulares ou em salas do próprio Palácio de Governo (de que existe documentação relativa à época do Conde de Valadares (1768-1773) e do Dom Rodrigo de Menezes (1780-1784)); além de serem responsáveis por uma produção que possuía muitos elementos formais e retóricos comuns, levando-os à compreensão de pertencimento a uma mesma escola literária que, por suas raízes europeias, ultrapassava os limites da situação colonial. Antônio Cândido seguiria este mesmo tom ao definir a importância do título de árcade romano, ou ultramarino, filiado à *Arcádia Romana*, e a razão pela qual os poetas, oficialmente instituídos ou não, reivindicariam esta titulação:

Ser membro da Arcádia Romana, diretamente ou pela mediação da Ultramarina, significava ser reconhecido como participante em pé de igualdade da alta cultura do Ocidente, isto é, a cultura de que participava também o colonizador. Deste modo, o Brasil se equiparava a ele, pois praticava o mesmo tipo de literatura e podia ser identificado pela mesma convenção pastoral, que valia por certificado de civilização. Ser membro da comunidade arcádica era ter status cultural e social equivalente, em princípio, ao do colonizador e, por extensão, ao de toda a Europa culta. (CANDIDO, 1993, p. 133).

6 Os arquivos de Roma e a crítica literária italiana sobre a Arcádia Ultramarina

Em 2013, estivemos por uma semana pesquisando nos arquivos da *Accademia dell’Arcadia*, em Roma. Um período muito curto de tempo para o tamanho das questões e lacunas que envolviam o objeto da

pesquisa: a presença e atuação dos brasileiros naquela instituição, e suas possíveis articulações com a criação da chamada *Arcádia Ultramarina*. Apesar de não logarmos êxito em encontrar documentos novos e valiosos para o objeto de estudo, não amargamos a mesma frustração de Joaquim Norberto e Sérgio Buarque de Holanda, quando visitaram aqueles arquivos. Colhemos muitas informações importantes, até para explicar a dificuldade em deparar com originais que poderiam nos ser úteis. Primeiramente, nos livros manuscritos que registram as reuniões (*adunanzas*) da Arcádia, existe um incômodo hiato entre os anos de 1728 e 1772. Ou seja, ainda que houvesse algum tipo de ligação institucional ou correspondência de Glauceste Satúrnio com a Arcádia Romana, seria muito difícil achar referências, já que mesmo o documento de Mindlin, com a diplomação de Seixas Brandão, é totalmente desconhecido por ali.

Outro dado importante revelado pela Dra. Giovana Rak, responsável pela pesquisa nos arquivos da Academia: há ainda vários volumes de manuscritos diversos, muitos com autoria anônima ou desconhecida, abrangendo poemas e cartas, que carecem de trabalho arquivístico e investigativo, podendo trazer, mesmo indiretamente, maiores novidades. Tivemos prova disto ao manusearmos um manuscrito e depararmos por acaso com um soneto em homenagem ao árcade romano José Basílio da Gama, quando da sua morte, em 1795. Fomos informados também pela Dra. Giovana Rak que muitas colônias arcádicas seriam criadas no século XVIII, sem que constasse qualquer correspondência entre as mesmas e a Arcádia matriz, e que algumas colônias encontram-se registradas como tais em publicações recentes da *Accademia dell'Arcadia* por terem sido encontrados apenas alguns fragmentos que atestariam a sua criação.

Em outras palavras, se a pesquisadora responsável pela catalogação das colônias, em obra inclusive já publicada e disponibilizada *on line* (VICHI, 1977), tivesse tido em mãos o documento de 1763 com a anotação “per la fondazione della colonia oltremarina”, além dos discursos e poemas das sessões acadêmicas para “fundação”, em 1768, da *Arcádia Ultramarina*, poderia ter incluído a mesma no rol das colônias da Arcádia de Roma. Isto porque outras colônias teriam sido registradas com base em documentação muito mais incompleta, ou inconsistente. Isto foi o que me respondeu a então responsável pelos arquivos da Academia. Poderíamos então perguntar, com base nesta informação: como ficaria o argumento dos que evocam a ausência do nome da *Colonia*

Oltremarina nos arquivos publicados da *Arcádia Romana* para defender sua inexistência factual?

De qualquer forma, elucidando melhor a nossa posição, consideramos que seria muito difícil a *Arcádia Ultramarina*, como estrutura institucional, burocrática, haver sobrevivido em Minas naquele momento. Não só pelo pouco apoio governamental, já que não há registros de qualquer resposta ou apoio do Conde de Valadares às iniciativas de Cláudio Manuel. Mas também faltaria a este, naquele contexto de 1768, a principal “matéria prima” de uma academia arcádica, que são os poetas árcades. A grande maioria deles estava na Europa naquele momento: Basílio da Gama, Alvarenga Peixoto, Silva Alvarenga, Seixas Brandão, Santa Rita Durão, Domingos Caldas Barbosa, Tomás Antônio Gonzaga... Claro que não podemos descartar a presença de outros tantos, menos reconhecidos, e mesmo hoje inteiramente desconhecidos, que em Minas também conviveriam com as musas, e que podem ter vestido os personagens e codinomes não identificados da poesia de Cláudio Manuel.

Independentemente disto, a *Arcádia* sobreviveria enquanto movimento que procurou, em vários momentos que se seguiram ao ano de 1768 (em Minas, Rio ou Portugal), participar da construção ideal de uma *República das Letras*, tópica essencialmente arcádica, desde os dias da Rainha Cristina, da Suécia. E sua sobrevivência diz respeito a dois pontos: a articulação literária entre os poetas brasileiros que se encontravam nos círculos culturais e políticos da Europa e do Brasil, as especificidades retóricas e tópicas que identificavam e diferenciavam sua poética dos pares lusitanos; especificidades estas ligadas tanto às heranças literárias da *Arcádia Romana*, quanto à aplicação original dos valores e convenções neoclássicas na visão da terra pátria, em sua condição periférica, ou colonial (VERSIANI, 2017).

Encontraremos mais elementos de confirmação da importância histórico-literária da *Arcádia Ultramarina* e sua sedimentação como movimento de dimensão universal também na crítica de autores italianos, que desde o século passado se debruçam sobre a poesia brasileira do século XVIII, estudando, sobretudo, suas ligações com a *Arcádia Romana*. Tais estudos remetem ainda à *Società Amici del Brasile*, fundada em Roma no ano de 1936, que publicou do crítico, filólogo e tradutor Francesco Piccolo (1939) a obra *Cláudio Manoel da Costa. Saggio sulla letteratura brasiliana del Settecento*. Também pioneira foi Carla Inama (1961), no ensaio *Metastasio e i Poeti Arcadi Brasiliani*, em que busca

identificar as pontes que ligavam o dramaturgo italiano à poética dos árcades ultramarinos. E escrevendo especificamente sobre os elos entre a *Arcádia Ultramarina* e a *Arcádia Romana*, temos Ruggero Ruggieri (1980), no artigo “Dall’Arcadia romana all’Arcadia ultramarina: impronte neoclassiche e ‘romane’ nel Brasile settecentesco”.

Muito recentemente surgiu na Itália a publicação de dois trabalhos importantes que também tratam da literatura arcádica do Brasil. *Il Secolo dell’Oro: Profilo del Settecento brasiliano con antologia di testi*, da professora de Literatura Brasileira e crítica literária Silvia La Regina, traz um tópico intitulado *Arcádia Ultramarina*. Nele, a autora deixa em segundo plano o propósito de comprovação de existência factual desta academia, ressaltando, porém, o esforço de Basílio da Gama em dar materialidade à mesma. Prefere chamar atenção para o estímulo aglutinador da *Arcádia Ultramarina*, que conferia um sentido de pertencimento dos poetas árcades brasileiros a um mesmo movimento literário: “qual fosse a organização e a estrutura na qual se baseavam, eles se sentiram membros integrantes de uma Arcádia, onde compuseram, com os seus pseudônimos pastoris, o que de melhor deram as literaturas de língua portuguesa no século XVIII” (LA REGINA, 2010, p. 33).

Já em 2012, Matteo Veronesi publicou artigo intitulado “Quattro poeti dell’Arcadia luso-brasiliana”, em que estuda aspectos da obra de Cláudio Manuel da Costa, e também se refere à *Arcádia Ultramarina*. Criticando a forma como a *Accademia dell’Arcadia* é usualmente apresentada e estudada, “como movimento tipicamente, ou exclusivamente, italiano”, o autor afirma que no contexto do século XVIII, “após o petrarquismo, e nas pegadas do mesmo”, ela se constitui como uma “espécie de grande código, de esperanto comum, de ponte ideal, transoceânico, entre o mundo cultural italiano e aquele lusófono, tanto português, quanto brasileiro”. Defendendo a “real existência da Arcádia brasileira, antes posta em dúvida”, Matteo compreende que sua relação com Roma inauguraria, na literatura, um elo direto entre a cultura italiana e a brasileira, que não se repetiria em contextos literários futuros:

Poderíamos supor, aliás, que o Arcadismo constituísse o primeiro, se não único, elo direto entre um movimento cultural genuinamente italiano e um brasileiro; dado que o romantismo, simbolismo, modernismo, vanguarda, o pós-moderno são movimentos globais que possuem antecedentes comuns, geralmente de raízes inglesas e francesas, e muitas vezes não definidas com exatidão. (VERONESI, 2012, p. 115-127).

Também de uma nova geração de investigadores da poesia arcádica brasileira, Lúcia Wataghin vem trazendo luzes para a identificação de aproximações entre a poesia arcádica brasileira e italiana. Em trabalho na *Revista de Italianística*, ela estuda a intensa presença da influência de Metastasio, como de outros precursores italianos, como Petrarca e Sannazaro, na poesia de Cláudio Manuel da Costa. Mas também encontra múltiplas referências da poesia italiana em Santa Rita Durão, Silva Alvarenga, Domingos Caldas Barbosa e Basílio da Gama:

È noto che Cláudio Manuel da Costa, grande sonettista, “il piú arcade degli arcadi brasiliani”, fu profondamente influenzato da Petrarca e Sannazzaro e mantenne stretti legami con l’Italia: scrisse tra l’altro sonetti di ispirazione metastasiana in italiano (alcuni dei quali sono stati recentemente tradotti in portoghese da Pedro Garcez Ghirardi). Forti influenze di Mestastasio si riscontrano anche nelle opere di altri arcadi brasiliani, come Santa Rita Durão, che visse in Italia per piú di vent’anni. (WATTAGIN, 2006, p. 181).

Estudar as relações culturais entre os poetas árcades ultramarinos sob o ponto de vista de coparticipantes de um movimento literário que carrega como um dos pontos fundamentais de identificação a tradição latina e romana é um dos elementos essenciais do nosso trabalho. O caminho da análise comparativa entre a poesia arcádica italiana e brasileira, iniciado ainda no século XIX, desde Almeida Garret, e que até hoje contagia pesquisadores brasileiros e italianos, deve ser aprofundado como base para a comprovação da condição assumida pelos próprios árcades ultramarinos, de associados ou integrados à Arcádia Romana. Aí não nos preocupam apenas as transposições ou “influências” literárias, mas também aquilo que, com muito esforço de pesquisa, pudemos identificar, quanto à instituição de elos sociais e culturais entre os poetas brasileiros da segunda metade do século XVIII, no seu trânsito cultural entre o Brasil, a Itália e Portugal; as formas como expressariam sua identificação como grupo pertencente a um mesmo ideal arcádico, que se pretendia talvez mais próximo à tradição da Arcádia italiana que dos seus pares do arcadismo lusitano.

Referências

ALCIDES, Sérgio. Seixas Brandão e o malogro da Arcádia Ultramarina. *Oficina do Inconfidência*: Revista de Trabalho, Ouro Preto, ano 4, n. 3, p. 81-103, dez. 2004.

ALVARENGA, Manuel Inácio da Silva. Discurso sobre o Poema Herói-Cômico. In: ALVARENGA, Manuel Inácio da Silva. *O Desertor*: Poema Herói-Cômico. Coimbra: Real Oficina da Universidade, 1774.

ALVARENGA, Manuel Inácio da Silva. *Termino Sipílio Árcade Romano por Alcindo Palmireno Árcade Ultramarino. Epístola*. Coimbra: Officina de Pedro Ginioux, 1772.

BALBI, Adrien. *Essai Statistique sur le Royaume de Portugal et l'Algarve*. Paris: Roy et Gravier, 1822.

BARAGETTI, Stefania. *I poeti e l'Accademia*: le Rime degli Arcadi (1716-1781). Tesi (Dottorato di ricerca in Italianistica e Filologia romanza) – Università degli Studi di Parma, Parma, 2009-2010.

CANDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*: momentos decisivos. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1993.

CASTELLO, José Aderaldo. *Movimento Academicista no Brasil*: 1641-1820/22. São Paulo: Cons. Estadual de Cultura, 1969.

COSTA, Cláudio Manuel da. Obras completas. In: PROENÇA FILHO, Domicio. *A Poesia dos Inconfidentes*: poesia completa de Cláudio Manuel da Costa, Alvarenga Peixoto e Tomás Antônio Gonzaga. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

CRESCIMBENI, Mario. *Storia dell'Accademia degli Arcadi istituita in Roma l'anno 1690 per la coltivazione delle Scienze delle Lettere Umane e della Poesia*. Roma: [S. n.], 1712.

FRANCO, Caio de Mello. *O Inconfidente Cláudio Manoel da Costa*. Rio: Livraria Schmidt, 1931.

GAMA, José Basílio da. *Obras poéticas*: biografia crítica e estudo literário de José Veríssimo. Rio de Janeiro: Garnier, [19--].

GRAVINA, Vicenzio. *Della Ragion Poetica*: tra' Greci latini et italiani. Firenze: Presso Luigi Bastianelli, 1771.

- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Capítulos de Literatura Colonial*. Paulo: Brasiliense, 1991.
- INAMA, Carla. *Metastasio e i Poeti Arcadi Brasiliani*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1961.
- KOMAREK, Francesco. *Arcadi – Sonetti ed orazione in lode delle nobili arti di disegno, pittura, scoltura, ed architettura*. Roma: [S. n.], 1764.
- LA REGINA, Silvia. *Il Secolo dell 'oro: Profilo del Settecento brasiliano con antologia di testi*. Roma: Aracne, 2010.
- LAMEGO, Alberto. *Autobiografia e inéditos de Claudio Manoel da Costa*. Paris: L'edition D'Art, 1919.
- LAPA, M. Rodrigues. O enigma da Arcádia Ultramarina aclarado por uma ode de Seixas Brandão. *Suplemento Literário do "Minas Geraes"*, Belo Horizonte, ano IV, n. 174, 27 dez. 1969.
- METASTASIO, Pietro. *Tutte le Opere di Pietro Metastasio*. Firenze: Tipografia Borghi e Compagni, 1832.
- MORONI, Gaetano. *Dizionario di erudizione storico-ecclesiastica da S. Pietro sino ai nostri giorni*. Venezia: Tipografia Emiliana, 1852. v. LIV.
- MURATORI, Ludovico. *Della Perfetta Poesia Italiana: spiegata e dimostrata com varie osservazioni*. Venezia: Stamperia Coletti, 1770.
- PICCOLO, Francesco. *Cláudio Manoel da Costa: Saggio sulla letteratura brasiliana del Settecento*. Roma: Amici del Brasile, 1939.
- PROENÇA FILHO, Domicio (org.). *A poesia dos Inconfidentes: poesia completa de Cláudio Manoel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.
- RUGGIERI, Ruggero. Dall'Arcadia Romana all'Arcadia Ultramarina. Impronte Neoclassiche e "Romano" en Brasile Setecentesco. *Studi Romani*, Roma, v. XXVIII, p. 172-191, 1980.
- SALAMINIO, Lariso. *Storia dell'Accademia degli Arcadi istituita in Roma l'anno 1690 per la coltivazione delle Scienze delle Lettere Umane e della Poesia*. Londra: Stamperia di Bulmer e Co., 1804.
- SOUZA, Laura de Mello e. *Cláudio Manuel da Costa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

TOPA, Francisco. Dois estudos sobre Silva Alvarenga. *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literatura*, Porto, série II, v. XIV, 1997.

VERONESI, Matteo. Quattro poeti dell’Arcadia luso-brasiliana. In: VERONESI, Matteo; BRIZIO, Elisabetta. *Hexapla: Sei sizigie di scrittura e pensiero*. Imola: Nuova Provincia, 2012.

VERSIANI, Carlos. Raízes Clássicas na construção da tópica da “Terra Pátria” em Cláudio Manuel. *RÓNAI: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios*, Juiz de Fora, v. 5, p. 4-16, 2017.

VERSIANI, Carlos. Glauceste Saturnio e a Real Mesa Censória: uma crítica genética das ‘Obras’ de Cláudio Manuel da Costa. *Revista de História*, São Paulo, v. 170, p. 261-290, 2014. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i170p261-290>.

VICHI, Anna Maria Giorgetti. *Gli Arcadi dal 1690 al 1800 – Onomasticon*. Roma: Arcadia – Accademia Letteraria Italiana, 1977.

WATTAGIN, Lucia. Note sulla storia della ricezione della poesia italiana in Brasile. *Revista de Italianística*, São Paulo, v. XIV, 2006. Doi: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-8281.v0i14p177-187>.

Recebido em: 1º de março de 2019.

Aprovado em: 30 de maio de 2019.